



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

MULHERISMO AFRICANA, CICLICIDADE E SAGRADO FEMININO ANCESTRAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO IX CONGRESSO LATINO- AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO DA FACULDADES EST

*AFRICAN WOMANISM, CYCLICALITY, AND ANCESTRAL SACRED FEMININE: AN
EXPERIENCE REPORT FROM THE IX LATIN AMERICAN CONGRESS ON GENDER AND
RELIGION AT FACULDADES EST*

Tânia Marlise Sansone Rodrigues¹

Resumo: Este relato de experiência descreve a minha participação no IX Congresso Latino-Americanano de Gênero e Religião da Faculdades EST, com foco no GT 3 – *Mulherismo Africana e Matrigeštão: abordagens iniciais, reflexões e desafios*, espaço em que a ciclicidade do Mulherismo Africana se fez presente. A vivência evidenciou o Sagrado Feminino Ancestral como prática comunitária, política e espiritual, contrapondo-se às formas de apropriação do Sagrado pelo sistema capitalista na chamada Nova Era. O estudo integrou experiências vividas por mulheres negras de diferentes países, revelando como a ancestralidade, a memória coletiva e a resistência constituem fundamentos para a espiritualidade e a construção de saberes emancipatórios.

Palavras-chave: Mulherismo Africana. Sagrado Feminino Ancestral. Ciclicidade. Relato de Experiência. Espiritualidade Negra.

Abstract: This experience report describes my participation in the IX Latin American Congress on Gender and Religion at Faculdades EST, with a focus on Working Group 3 – *African Womanism and Matri-gestión: initial approaches, reflections, and challenges*, a space in which the cyclicity of African Womanism was notably present. The experience highlighted Ancestral Sacred Femininity as a community-based, political, and spiritual practice, countering the ways in which the Sacred has been appropriated by the capitalist system within the so-called New Age movement. The study integrated experiences lived by Black women from different countries, revealing how ancestry, collective memory, and resistance constitute essential foundations for spirituality and for the construction of emancipatory knowledge.

¹ Tânia Marlise Sansone Rodrigues é Teóloga Ecofeminista e Pesquisadora Mulherista Africana, com foco na intersecção entre espiritualidade, ancestralidade e questões de gênero. Sacerdotisa do Sagrado Feminino Ancestral, atua como Mentora de mulheres, aplicando conceitos teológicos e filosóficos no empoderamento feminino. Complementa seu trabalho conduzindo performances de dança espiritual, como a cigana e oriental. E-mail: taniamarlisesansone@gmail.com



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

TERRA + PÃO + PAZ

Keywords: African Womanism. Ancestral Sacred Femininity. Cyclicity. Experience Report. Black Spirituality.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um relato de experiência sobre a minha participação no IX Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião da Faculdades EST, com foco na vivência do Sagrado Feminino Ancestral a partir da perspectiva do Mulherismo Africana. A problemática central aborda a apropriação do Sagrado Feminino pelo sistema capitalista, que o transforma em mercadoria e esvazia sua potência transformadora. A relevância desta pesquisa reside na necessidade de valorizar a espiritualidade e as experiências das mulheres negras como fundantes para a compreensão do mundo e do Sagrado, em contraposição às visões eurocêntricas e universalizantes. Para tanto, utilizarei referenciais teóricos como Clenora Hudson-Weems, bell hooks e Patricia Hill Collins, que nos auxiliam a compreender a importância da ancestralidade, da memória coletiva e da resistência na construção de saberes emancipatórios. A análise adotada é a feminista negra, que me permite analisar as relações de poder e as desigualdades raciais e de gênero que permeiam a experiência das mulheres negras. O método utilizado é o relato de experiência, que me permite compartilhar a vivência no congresso e as reflexões que surgiram a partir dela.

A CICLICIDADE DO MULHERISMO AFRICANA

O Mulherismo Africana, ao propor um sistema de ciclicidade, oferece uma forma de vivenciar o Sagrado Feminino em sua dimensão ancestral, enraizada nas cosmologias africanas e afrodiáspóricas. Essa perspectiva comprehende o tempo não em moldes lineares, como no pensamento ocidental moderno, mas como um movimento circular de retorno, renovação e reconexão com as forças vitais que sustentam a vida. A ciclicidade mulherista revela que o Sagrado se manifesta em ciclos de criação, morte e renascimento, que não se anulam, mas se complementam mutuamente. De acordo com Clenora Hudson-Weems, o Mulherismo Africana é “um paradigma de vida que valoriza a cultura, as tradições e as

314





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

TERRA + PÃO + PAZ

experiências das mulheres africanas e afrodescendentes como centrais para a construção de um saber e de uma prática de resistência.”²

O SAGRADO FEMININO ANCESTRAL COMO RESISTÊNCIA

Nessa perspectiva, o Sagrado Feminino ancestral não se limita a práticas individuais de autoconhecimento, mas é profundamente comunitário, político e espiritual. Maricel Mena López reforça essa dimensão ao afirmar que “a espiritualidade negra é resistência e memória coletiva; não pode ser reduzida a um produto de consumo espiritual.”³ Em contraposição, o chamado Sagrado Feminino da Nova Era tem sido frequentemente apropriado pelo sistema capitalista, que transforma práticas espirituais em mercadorias e esvazia-as de sua essência ancestral. Como alerta bell hooks, o capitalismo patriarcal se apropria de tudo que possa gerar lucro, inclusive da linguagem da libertação⁴, esvaziando o potencial de transformação do Sagrado.

Patrícia Hill Collins complementa essa análise ao destacar que a resistência das mulheres negras nasce de um “saber situado” que articula experiência, corpo, ancestralidade e espiritualidade⁵. Ou seja, enquanto a espiritualidade capitalizada tende a universalizar e homogeneizar as experiências femininas, o Mulherismo Africana reconhece a pluralidade das vozes e saberes das mulheres negras como fonte legítima de teologia, filosofia e espiritualidade.

² HUDSON-WEEMS, Clenor. *Africana Womanism: Reclaiming Ourselves*. Troy, Mich.: Bedford Publishers, 1993. p. 2.

³ MENA-LÓPEZ, Maricel; DE LA CALLE, Claudia Pilar; IGLESIAS, Loida Sardiñas. Bíblia e descolonização: leituras desde uma hermenêutica bíblica negra e feminista de libertação. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 24, n. 2, p. 115-144, jul./dez. 2018. p. 127. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/mandragora/article/view/1223>. Acesso em: 11 nov. 2025.

⁴ HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 13.

⁵ COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Trad. Jamila R. P. da Silva. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 1-11.





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

TERRA + PÃO + PAZ

VIVÊNCIA NO IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

A compreensão sobre o Mulherismo Africana e o Sagrado Feminino Ancestral como resistência se concretizou na minha vivência no IX Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião da Faculdades EST, onde participei como autora e sacerdotisa. No GT 3, onde apresentei meu relato de experiência, a ciclicidade mulherista se fez presente de forma marcante: a maioria das participantes eram mulheres negras vindas de diferentes países, cujas vozes, histórias e espiritualidades se entrelaçaram em um espaço de escuta circular. Ali, o corpo foi reconhecido como território de saber e a espiritualidade se manifestou como força de encontro e resistência.

A vivência no congresso evidenciou que o Sagrado, quando ancorado na ancestralidade, não se reduz a conceitos abstratos, mas pulsa em experiências coletivas que unem fé, resistência e cuidado. Essa perspectiva reivindica que o Sagrado Feminino só pode ser plenamente compreendido quando vivenciado na relação com a ancestralidade, a comunidade e a memória coletiva. Essas dimensões se manifestaram vivas em minha própria experiência acadêmico-religiosa no GT 3 – *Mulherismo Africana e Matrigestão: abordagens iniciais, reflexões e desafios*, onde teoria e espiritualidade se entrelaçaram de modo indissociável.

CONCLUSÃO

Compreender o Sagrado Feminino Ancestral a partir dessa perspectiva é reconhecer que o tempo e o espaço não obedecem apenas à lógica linear ocidental, mas se organizam em ciclos de aprendizado, renovação e reconexão. Cada experiência, encontro ou prática espiritual carrega a força da ancestralidade e da memória coletiva, constituindo saberes que se entrelaçam com a história das mulheres negras e afrodescendentes. O relato de experiência no GT 3 demonstrou que a espiritualidade, quando ancorada no Mulherismo Africana, atua como instrumento de emancipação e resistência, revelando-se não apenas como prática individual, mas como ação comunitária que fortalece laços, valoriza saberes e promove a reconstrução de narrativas.

316





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

TERRA + PÃO + PAZ

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Trad. Jamila R. P. da Silva. São Paulo: Boitempo, 2019.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HUDSON-WEEMS, Clenora. *Africana Womanism: Reclaiming Ourselves*. Troy, Mich.: Bedford Publishers, 1993.

MENA-LÓPEZ, Maricel; DE LA CALLE, Claudia Pilar; IGLESIAS, Loida Sardiñas. Bíblia e descolonização: leituras desde uma hermenêutica bíblica negra e feminista de libertação. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 24, n. 2, p. 115-144, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/mandragora/article/view/1223>. Acesso em: 11 nov. 2025.

317

